

**MOÇAMBIQUE-BRASIL: DESAFIOS (COMUNS) E OPORTUNIDADES  
(COMPARTILHADAS)**

**MOZAMBIQUE-BRAZIL: EQUAL CHALLENGES AND SHARED  
OPPORTUNITIES**

**MOZAMBIQUE-BRASIL: DESAFÍOS (COMUNES) Y OPORTUNIDADES  
(COMPARTIDAS)**

Thiago Sebastiano de Melo<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0002-6501-9146>

Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0003-0537-1487>

Ricardo Assis Gonçalves<sup>3</sup> <https://orcid.org/0000-0002-8033-0426>

Vanito Viriato Marcelino Frei<sup>4</sup> <https://orcid.org/0000-0003-0856-2676>

Ernesto Jorge Macaringue<sup>5</sup> <https://orcid.org/0000-0003-2198-6262>

**RESUMO**

Colhidas nas searas de diferentes missões científicas realizadas ao longo de mais de 10 anos de parcerias, o texto aporta uma síntese estruturada a partir das vivências e trocas estabelecidas na última destas missões, realizada em junho de 2024. Organizada pela Rede Internacional de Estudos Críticos de Turismo, Território e Autodeterminação – REESCRITA, a missão científica foi nomeada “Colóquio Internacional Desenvolvimento e Determinações Territoriais no Sul Global” e realizada, contando as datas de chegada e partida, entre os dias 16 de junho e 03 de julho de 2024. Foi dividida em dois grandes momentos: o primeiro, no norte do país, com trocas e diálogos de saberes com a Universidade Rovuma – UniRovuma, e o segundo, no sul, com construções e experiências acadêmicas com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane – ESHTI da Universidade Eduardo Mondlane. A expectativa é que esta sistematização contribua com a construção de uma memória coletiva, bem como com o compartilhamento de ações que podem ensejar aproximações e novas colaborações.

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, Graduado em Turismo também pela Unesp, Rosana. Docente no Centro de Excelência em Turismo na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: [sebastianodemelo@gmail.com](mailto:sebastianodemelo@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Mestra em Geografia pela UFG Geógrafa bacharelada pela UFG e licenciada pela Universidade Estadual de Goiás. Técnica em assuntos educacionais no Instituto Federal de Goiás – Câmpus Águas Lindas. E-mail: [daisyaetano@hotmail.com](mailto:daisyaetano@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista Produtividade (PQ-2) do CNPq. E-mail: [ricardo.goncalves@ueg.br](mailto:ricardo.goncalves@ueg.br)

<sup>4</sup> Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG); Docente da Universidade Rovuma, Nampula, Moçambique. E-mail: [vfrei@unirovuma.ac.mz](mailto:vfrei@unirovuma.ac.mz)

<sup>5</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Desenvolvimento Agrário, Ramo de Desenvolvimento Rural pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Maputo, Graduado em Geografia pela Universidade Eduardo Mondlane. E-mail: [jorgitomapilele@gmail.com](mailto:jorgitomapilele@gmail.com)

**Palavras-chave:** Brasil-Moçambique. Internacionalização. Território. Turismo. Autodeterminação.

---

### ABSTRACT

Collected from the fields of different scientific missions carried out over more than 10 years of partnerships, the text provides a structured synthesis based on the experiences and exchanges established in the last of these missions, carried out in June 2024. Organized by the International Network for Critical Studies of Tourism, Territory and Self-Determination – REESCRITA, the scientific mission was named “International Colloquium Development and Territorial Determinations in the Global South” and carried out, counting the dates of arrival and departure, between June 16th and July 3rd, 2024. It was divided in two major moments: the first, in the north of the country, with exchanges and dialogues of knowledge with the Rovuma University – UniRovuma, and the second, in the south, with constructions and academic experiences with the Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane – ESHTI from Eduardo Mondlane University. The expectation is that this systematization will contribute to the construction of a collective memory, as well as the sharing of actions that can lead to rapprochement and new collaborations.

**Keywords:** Brazil-Mozambique. Internationalization. Territory. Tourism. Self-determination.

---

### RESUMEN

Recopilado de los campos de diferentes misiones científicas realizadas a lo largo de más de 10 años de colaboración, el texto ofrece una síntesis estructurada a partir de las experiencias y los intercambios establecidos en la última de estas misiones, realizada en junio de 2024. Organizado por la Red Internacional de Estudios Críticos de Turismo, Territorio y Autodeterminación – REESCRITA, la misión científica recibió el nombre de “Coloquio Internacional Desarrollo y Determinaciones Territoriales en el Sur Global” y se llevó a cabo, contando las fechas de llegada y salida, entre el 16 de junio y el 3 de julio de 2024. Se dividió en dos grandes momentos: el primero, en el norte del país, con intercambios y diálogos de saberes con la Universidad Rovuma – UniRovuma, y el segundo, en el sur, con construcciones y experiencias académicas con la Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane – ESHTI de la Universidad Eduardo Mondlane. La expectativa es que esta sistematización contribuya a la construcción de una memoria colectiva, así como a compartir acciones que puedan conducir a acercamientos y nuevas colaboraciones.

**Palabras clave:** Brasil-Mozambique. Internacionalización. Territorio. Turismo. Autodeterminación.

---

## INTRODUÇÃO

Na costa leste do continente africano, banhado pelo oceano Índico, com uma população atual estimada em 32 milhões de habitantes (INE, 2024) e mais de 17 línguas locais (Ngunga, Faquir, 2012), Moçambique se conecta com o Brasil há séculos. O maior e mais traumático destes laços é certamente o longo processo de escravização de pessoas levadas às terras tupiniquins pelos caminhos ultramarinos.

Com a conquista da independência política em 1975, após intensa mobilização popular em prol da revolução socialista, o país viu os horizontes políticos girarem e se depara nesta terceira década do terceiro milênio (do calendário cristão) com contradições profundas derivadas das opções político-partidárias adotadas pela Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, responsável pela revolução moçambicana e independência de Portugal. Tal cenário é sobre determinado pelas imposições das políticas econômicas internacionais.

Na busca por parcerias que fortaleçam as aspirações dos países do sul global, Moçambique tem sido um dos países africanos mais beneficiado pela política de relações internacionais do Partido dos Trabalhadores. Isso ocorre desde o primeiro mandato do governo Lula, sendo o fato de ambos serem lusófonos um elemento de facilitação.

No âmbito das aproximações que efetivam a tática geopolítica de fortalecimento das relações Sul-Sul, em contraposição à lógica hegemônica do norte global, inserem-se os incentivos para que a internacionalização das universidades caminhe neste prumo. Assim, desde editais específicos, passando por critérios de priorização, chegando à sensibilização de pesquisadores e pesquisadoras sobre a importância de tal fortalecimento, as parcerias institucionais têm crescido substancialmente no meio acadêmico (ainda que a mudança de rota iniciada com a deposição ilegítima da ex-presidenta Dilma e reforçada no governo antipopular do ex-presidente Bolsonaro tenha efeitos notáveis).

Apresentamos, neste texto, breves notas sobre uma missão científica realizada no escopo das aproximações e diálogos de saberes entre Brasil e Moçambique. Para tanto, explicamos o que e como foi a missão; elencamos apontamentos que nos parecem centrais para a proposta de trabalho, evidenciando desafios comuns às realidades de ambos países e oportunidades que permitam o compartilhamento de boas experiências; descrevemos os principais encaminhamentos construídos, tendo como foco a internacionalização das instituições envolvidas; e, por fim, algumas considerações sobre as próximas ações conjuntas envolvendo as instituições participantes.

## A MISSÃO REESCRITA

O continente-mãe, o berço de fato da humanidade, nos termos propostos por Nascimento (2009), tem nos guiado em diferentes esforços. Desde o combate firme para que superemos o racismo, passando por valorizar a multiculturalidade calcada em cores e ritmos que caracterizam o continente e hoje expressam a negação da pasteurização imposta pela indústria cultura ocidental, tendo como desafio a afirmação que não seja mera exotização e transmutação em nicho de mercado, chegando às expressões religiosas que enraizaram em diferentes territórios nos quais desembarcaram, se organizaram, resistiram e se reproduziram as pessoas escravizadas.

No entanto, diante da imprescindível reconfiguração geopolítica que retire os países do sul global das sobredeterminações da divisão internacional do trabalho imposta pelo modo de produção hegemônico pelos interesses do norte global, e seus rebatimentos no controle exógeno de suas dinâmicas efetivas de autodeterminação, o Brasil, infelizmente, constrói uma política (interna e externa) com contradições cujos movimentos pendulares possíveis não são capazes de sanar a força dos agentes hegemônicos presentes. Assim, não obstante, como dito, ações como a promoção da internacionalização com foco, dentre outros, no continente africano, o Brasil tem levado (inclusive com a participação ativa do presidente Lula) o pior de suas construções sociais coletivas. Dizemos o pior, tendo como métrica o interesse popular, como se segue.

Dentre as muitas presenças do Brasil em Moçambique, a ponto de podermos pensar que o Brasil é lá, como jocosamente Rossi (2015) diz quando aponta a dimensão desta presença e destas contradições, salientam-se alguns eixos que guiam as propostas de trabalho entre as instituições envolvidas na missão científica relatada e que sintetizam as contradições entre as demandas populares moçambicanas e as presenças brasileiras. São eles: turismo, território e autodeterminação, que podem ser, em outras palavras, determinações territoriais, ambiente e existência. Desdobram-se, ainda, em temas mais específicos, como mineração, educação, gênero, alimentação e saúde, separados meramente por questões didático-metodológicas, compondo a totalidade indissociável do ser social.

Partindo destes eixos, bastam assinalar 3 (três) representações da presença brasileira para entendermos o nível do descompasso entre as demandas e necessidades populares moçambicanas e as ações brasileiras. A mais direta é certamente a forma como a mineradora Vale entrou e organizou seus negócios, deixando um legado de reassentamentos compulsórios, desagregação social, interdição cultural, impactos ambientais negativos, contrapartidas sociais pífiás e, finalmente, sua retirada recente em meio a tamanho desajuste (Frei, 2017).

A segunda e talvez a mais temerosa do ponto de vista ambiental é a que podemos chamar de representação produtiva, da qual a chegada da Embrapa com seu “pacote tecnológico” do agronegócio e a compra de cervejarias nacionais pela empresa Inbev (de origem brasileira, ainda que atualmente de capital transnacional sediada na Bélgica) são sintomáticas. Estas, aliadas aos efeitos do modelo minerário, são incompatíveis, como já indicado (Melo, Oliveira, Barbosa Jr, 2018), com as pretensões moçambicanas de que o turismo seja vetor de crescimento econômico e desenvolvimento social.

A terceira incorpora níveis de contradições muito difíceis de mensurar. A religiosidade demonstra a presença brasileira particularmente por meio das duas principais igrejas neopentecostais: Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus. Como já foi dito (Melo, 2018) a bancada evangélica no Brasil, capitaneada por essas duas igrejas, é hegemônica por um programa que é antipopular e intolerante com a diversidade existencial, do qual, para os propósitos deste texto, importa destacar a atualização da desumanização da população negra e de sua cultura. Assim como acontece com a população quilombola brasileira, também as tradições das comunidades moçambicanas são apontadas por líderes religiosos como pecaminosas, atrasadas e ofensivas aos valores cristãos. O crescimento de conversões ao cristianismo neopentecostal assinala uma disputa por hegemonia de concepções de mundo que se expressa, por exemplo, no controle de meios de comunicação, dando o tom das atuais correlações de forças que apontam para lados, por vezes, opostos.

Diferentemente desta cruzada religiosa e econômica contra as culturas moçambicanas, a missão científica em tela se organizou no seio das pretensões de cumplicidade e solidariedade internacional que alinhavam as relações entre os países do sul global na perspectiva de consolidar um cenário geopolítico calcado em outra divisão internacional do trabalho, que respeite a soberania destes países e cesse a expropriação neocolonial que colore as dinâmicas atuais de reprodução ampliada do capital transnacional.

Organizada pela Rede Internacional de Estudos Críticos de Turismo, Território e Autodeterminação – REESCRITA, a missão científica foi nomeada “Colóquio Internacional Desenvolvimento e Determinações Territoriais no Sul Global” e realizada, contando as datas de chegada e partida, entre os dias 16 de junho e 03 de julho de 2024 (figura 1). Foi dividida em dois grandes momentos: o primeiro, no norte do país, com trocas e diálogos de saberes com a Universidade Rovuma – UniRovuma, e o segundo, no sul, com construções e experiências acadêmicas com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane – ESHTI da Universidade Eduardo Mondlane.



**Figura 1:** Cartaz de divulgação da Missão Científica Brasil-Moçambique, realizada em junho e julho de 2024



**Fonte:** Os autores durante trabalho de campo em junho de 2024.

Em ambos os momentos compartilhamos experiências e saberes com as comunidades acadêmicas e trabalhos de campo em diálogo com as comunidades, focando nos eixos que estruturaram a missão científica. Tais colaborações derivaram em encaminhamentos que serão oportunamente comentados. Foram seis instituições de ensino (Universidade de Brasília – UnB, Instituto Federal de Goiás, IFG – Campus Águas Lindas, Universidade Estadual de Goiás, UEG – Campus Cora Coralina, Universidade de Santiago de Compostela – USC, Universidade Eduardo Mondlane, UniRovuma) e o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, representado pela assistente social do município de Senador Canedo. A missão contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e da UEG, através da PrP/UEG. Fez parte do plano de trabalho de pesquisa de pós-doutorado selecionada na chamada CNPq 14/23 – Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação.

A missão retoma as cooperações que foram, presencialmente, paralisadas em decorrência da pandemia de Covid-19. Longe do “conto da sereia” que ganhou forma ainda durante a emergência sanitária, não há indícios de que vivemos um novo normal. É a velha lógica imperialista que segue dando o tom das relações. Podemos dizer que as questões suscitadas pela missão descortinam a persistência e a atualização da sociabilidade própria, e

perversa, do modo de produção capitalista, incluindo seus rebatimentos e incorporação ao discurso religioso que nega as existências negras, como bem demonstrado pelas posições públicas do ex-presidente da república, que é membro da bancada evangélica no Brasil, durante seu mandato.

Os esforços da Reescrita, portanto, após sete anos de seu lançamento em outubro de 2017, na então Universidade Pedagógica – Delegação de Nampula, visam catalisar uma gama de ações que propiciem que os desafios comuns se transformem em possibilidades compartilhadas.

### **INTERNACIONALIZAR A LUTA, INTERNACIONALIZAR A ESPERANÇA**

A palavra de ordem dos movimentos sociais (internacionalizar a luta, internacionalizar a esperança) faz muito sentido para a relação Brasil-Moçambique. Encontramos, por exemplo, dona Ana, que nos conduziu e informou em um dos trabalhos de campo em Moçambique e que foi uma das camponesas que participou de formação na Escola Nacional Florestan Fernandes do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra – MST. Este diálogo de experiências e propostas programáticas para a classe trabalhadora tem se revertido em implementações de práticas agroecológicas (Figura 2).

**Figura 2:** Trabalho de campo em Inhambane, Moçambique



**Fonte:** Os autores durante trabalho de campo em junho de 2024.

Imbuídos deste espírito de solidariedade, ao longo de pouco mais de duas semanas, construímos memorandos de entendimento (Figuras 03 e 04) que estão sendo encaminhados administrativamente para fortalecer as ações, respaldando-as com a institucionalização das dinâmicas de internacionalização.

**Figuras 3:** Mosaico de fotografias da missão científica Brasil-Moçambique

**Fonte:** Os autores durante trabalho de campo em junho de 2024.

Os dados empíricos e as trocas que estão sendo sistematizadas darão lugar à confecção de um livro capaz de resgatar e documentar o histórico da parceria Brasil-Moçambique construída pela equipe (e que conta com a colaboração de muito mais pessoas, nucleadas a partir do grupo de pesquisa Espaço, Sujeito e Existência – Dona Alzira, coordenado pelo professor Eguimar Felício Chaveiro (UFG). A expectativa é que a obra seja lançada no primeiro semestre de 2025.

Anote-se a parceria construída para avanço na área da produção e publicação acadêmica, que terá como primeiro passo a organização de oficinas de editoração organizadas pela UEG, bem como de estabelecimento de parcerias de publicações conjuntas entre pesquisadores/as das instituições envolvidas. Nesse último ponto, as propostas apresentadas pelo IFG de Águas Lindas para atender às demandas por cooperação na área da saúde salientam que o projeto já em curso sobre a relação Brasil-Moçambique terá mais desdobramentos do que foi inicialmente proposto.

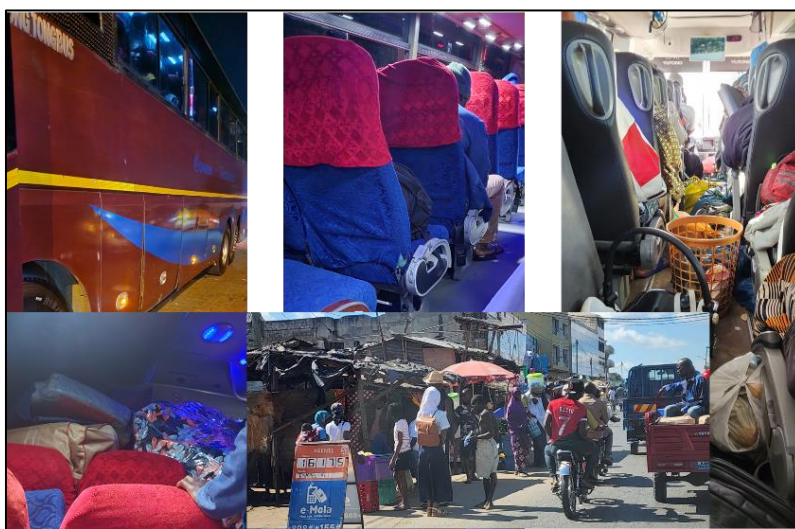
Outro encaminhamento que merece ser registrado foi o acordo para iniciar uma frente de trabalho com a UniRovuma do projeto de extensão vinculado à UnB denominado *Desenvolvimento Rural – Plantando com Nanotecnologia, Colhendo com Turismo*, cujos detalhes podem ser acessados pelo perfil na rede social Instagram (@desenvolvimentorural.unb). O objetivo é construir uma plataforma de trabalho que, no primeiro momento, incorpore o biofertilizante arbolina, desenvolvido no Instituto de Química da UnB, e, partindo do aumento de produção por área, impulsionar a produção de alimentos saudáveis, na perspectiva agroecológica, vinculando-a, num segundo momento, aos



equipamentos e experiências turísticas, inclusive com a incorporação de beneficiamento dos produtos, intercâmbio de receitas, construção de feiras e outras possibilidades de circuitos-curtos de comercialização, promovendo saúde e geração de emprego e renda.

Por fim, as instituições seguirão adensando seu compromisso mútuo pautado na soberania popular e na solidariedade internacional para que seja possível esperar por um futuro de equidades e anticapitalista, no qual as populações não tenham que ser submetidas às sobredeterminações orientadas pela lógica concorrencial do lucro (Marx, 2013) que colocam efetivamente suas vidas em risco (Figura 4), o que infelizmente acarretou que presenciássemos um atropelamento fatal em um dos trabalhos de campo no norte de Moçambique. Por isso, além de apostar no prosseguimento dos intercâmbios, está em construção um curso de especialização em turismo e transporte (UnB-UniRovuma) que permita compreender a dimensão dos desafios na mobilidade e avançar na segurança desta dimensão fundamental para as populações locais e para as visitasões.

**Figuras 4:** Mosaico de fotografias da missão científica Brasil-Moçambique



**Fonte:** Os autores durante trabalho de campo em junho de 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a missão científica Brasil-Moçambique foi essencial para logarmos retomar ações presenciais conjuntas entre os dois países, no âmbito das relações desenvolvidas ao longo dos últimos anos pelos sujeitos coletivos que integraram a missão, bem como incorporando novas articulações. Os encaminhamentos elencados (ressaltados por sua centralidade para a proposta) indicam que a retomada das ações presenciais certamente incorporará novos elementos, expandindo o campo de atuação e absorvendo novos eixos.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela bolsa de pós-doutorado concedida ao primeiro autor, que permitiu realizar o plano de trabalho proposto, do qual este trabalho de campo faz parte. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelos recursos concedidos através do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG) – Pós-Doutorado Estratégico; e ao CNPq pela bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ-2) concedida ao terceiro autor. Finalmente, o terceiro autor agradece à Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), pelos recursos concedidos através do Pró-Programas.

## REFERÊNCIAS

FREI, V. V. F. **No país do mano muça, eu sou carvão:** implicações socioterritoriais dos megaprojetos de mineração nas comunidades locais da província de Nampula. Tese (Doutorado em Geografia), UFG, Goiânia, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA - INE. **Projeções da população 2017-2050.** Disponível em: <<https://mozambique.opendataforafrica.org/>> Acesso: 22 set. 2024.

MARX, K. **O Capital.** vol I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MELO, T. S.; OLIVEIRA, A. R.; BARBOSA JUNIOR, R. Cooperação Sul-Sul entre Brasil e Moçambique: da (in)segurança territorial à alteridade construída pela soberania popular. **Revista da Anpege**, v. 14, p. 83-114, 2018.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. G. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas:** relatório do III seminário. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/laliafro/PDF/Ngunga,%20Armindo%20Padronizacao%20ortografica%20-%203nd%20correcao.pdf>> Acesso: 22 set. 2024.

ROSSI, A. **Moçambique, o Brasil é aqui.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

---

**Artigo recebido em: 24 de setembro de 2024.**

**Artigo aceito em: 11 de novembro de 2024.**

**Artigo publicado em: 07 de dezembro de 2024.**